



ABBADIA DE S. DINIZ EM FRANÇA.

S. DYONISIO ou Diniz, apóstolo da França e primeiro bispo de Paris, foi mandado de Roma ás Gallias no meado do seculo 3.<sup>o</sup> Affirmam alguns escriptores que no logar onde padecêra martyrio pela fé se erigira uma igreja, e que neste mesmo sitio está hoje a abbadia de S. Diniz. Porem na incerteza das noticias de tempos remotos, apenas firmadas nas lendas e actas de seculos supersticiosos, impossivel será averiguar a verdade das tradições que se espalharam pela França ácerca da origem deste edificio. Sabe-se que Dagoberto no seculo 7.<sup>o</sup> levantára um templo no logar de uma capella denominada dos Santos Martyres; que nella fôra sepultado, e á sua imitação o foram tambem muitos dos

seus successores; que Pepino, o pai de Carlos Magno, mandára construir novo e mais espaçoso edificio, que só no tempo de seu filho se concluiu. Augmentado depois pela munificencia dos monarchas posteriores, e amplamente dotado, o mosteiro de S. Diniz cresceu em poderio e riquezas, de fórma que o abbade era omnipotente dentro dos limites da sua jurisdicção. Se na igreja de Rheims se celebrava a sagração dos soberanos reinantes de França; a corôa, o sceptro e outras insignias eram, por assim dizermos, propriedade da igreja de S. Diniz, sendo transportados a Rheims por alguns religiosos da abbadia só na occasião da coroação de novo monarcha: alem disso S. Diniz gozava o privilegio de ser a se-

pultura privativa dos príncipes, e esta honra lhe trazia o proveito das muitas liberalidades que por tal circumstancia lhe faziam: podia dizer-se que os abbades de S. Diniz não tinham inveja aos prelados da monarchia franceza, e tal foi o orgulho de um que nos funeraes de S. Luiz negou a entrada ao arcebispo de Sens e ao bispo de París, que vinham assistir á cerimonia funebre.

Deixando porem outras particularidades da historia deste mosteiro, para nós pouco interessantes, cheguemos aos modernos tempos e veremos no centro da civilisada França actos de barbaridade, contra monumentos, indignos de povos europeus, veremos actos de fanatismo, não religioso, mas politico; e porque todos os fanatismos se assemelham no rancor e desejo de destruir, acharemos que todos são igualmente funestos e estúpidos, qualquer que seja o seu credo. Aos 31 de Julho de 1793 a famosa convenção promulgou um decreto no qual se determinava a abolição dos tumulos dos reis em S. Diniz, e em todo o reino; o chumbo dos caixões era applicado para tal ou qual necessidade publica. Começaram-se as exumações em Outubro de 1793, mandando executar o decreto a municipalidade de S.<sup>t</sup> Denis [que tinha mudado o nome para *Franciade*]; e arrancaram-se de seus jazigos os ossos de reis e rainhas, de príncipes e princezas, e de muitos homens celebres, que durante o espaço de quinze seculos foram depositados naquella basilica. Abriam duas largas e fundas vallas no pateo denominado dos Valois, e para alli lançaram amontoadamente as ossadas das gerações antecedentes. Felizmente os amigos das artes sollicitaram e conseguiram no labirinto da convenção que se nomeasse uma commissão appellada *dos monumentos* para preservar os que fossem dignos d'exceptão. Aos esforços dos membros desta commissão deve a França a salvação dos mausoleus, que, tendo permanecido por algum tempo no museu dos monumentos francezes, foram trasladados depois para o seu local primitivo, o templo de S. Diniz, o qual successivamente se tem reparado dos estragos do tempo, e dos damnos da ira revolucionaria; substituindo-se laço por laço, de fórma tal que em lugar de qualquer pedra, que falta, se colloca outra da mesma fórma e dimensões, e acertada com o gosto de architectura e construcção saliente nos restos do antigo edificio. Chama-se a isto uma completa reparação.

Quando foram invadidos os tumulos de S.<sup>t</sup> Denis, notaram-se algumas particularidades extraordinarias, e parecem-nos dignas de referir-se ao menos as principaes. — O primeiro corpo desenterrado foi o do celebre marechal Turenne [vid. Panorama a pag. 137 deste vol.], que se achou perfeitamente conservado; não foi para a valla, e depois de varias trasladações passou para o hospital dos invalidos, onde ora existe, e o seu monumento se restabeleceu. O corpo do grande Henrique estava em tão perfeito estado que se pôde tirar do rosto um molde em cêra: a barba e bigodes estavam illesos de estrago ou corrupção. Tambem appareceram inteiros os corpos de Luiz 13.<sup>o</sup> e de Luiz 14.<sup>o</sup>, com a differença que este ultimo tinha a pelle negra como tinta de escrever: os de Francisco 1.<sup>o</sup> e de Luiz 15.<sup>o</sup> estavam completamente desfeitos. Nos caixões de monarchas mais antigos appareceram peças de diferentes metaes mui bem conservadas, e até algumas tintas de côres ainda bastante vivas. — No mesmo dia 16 de Outubro de 1793 foi tirada tambem a ossada de Henriqueta Maria, de França [vid. Panorama a pag. 209 do 3.<sup>o</sup> vol.], filha de Henrique 4.<sup>o</sup>, e mulher do desditoso Carlos 1.<sup>o</sup> d'Inglaterra. É ce-

lebre a coincidência dos destinos desta princeza em vida e depois da morte. Uma revolução em que pereceu seu esposo a expulsou do throno da Graã-Bretanha, outra revolução lhe destruiu o tumulo, que viera buscar na sua patria, e essa destruição foi na mesma occasião em que a infeliz Maria Antonietta, rainha de França, subia ao cadafalso.

Depois da violação dos tumulos, e da nova trasladação para S.<sup>t</sup> Denis, só ficaram na igreja os mausoleus de Dagoberto, de Francisco 1.<sup>o</sup>, que é magnifico, de Luiz 12.<sup>o</sup> e dos Valois. Os cryptos ou capellas subterraneas encerram muitas estatuas e sepulchros: nota-se que sobre os moimentos dos príncipes da primeira dynastia as figuras estão deitadas, descancando os pés das que representam homens sobre um leão, symbolo do valor, e os das que representam mulheres sobre um cão, symbolo da fidelidade. Finalmente observaremos que nos mesmos subterraneos o sepulchro de Pepino *le Bref*, o *exiguo*, é feito d'uma casta de pedra, que tocada dá um som metallico, analogo ao de um vaso de bronze.

#### IGREJA ABERTA N'UM ROCHEDO.

SUPPONHAMOS que vamos navegando pelo famoso e maximo rio das Amazonas acima; por esse descomunal gigante, que depois de ter caminhado duas mil e tantas leguas, parece querer tragar o proprio oceano por sua enorme boca de oitenta leguas: espantoso rio, que, para me servir das expressões de um missionario, é mais fecundo que o Nilo, mais rico que o Eufrates, mais veloz que o Tigre, mais soberbo que o Ganges, e grande como imperador de todos; e não sómente imperador, mas imperador com imperio sem igual. Caminhando pois por elle acima até a altura de 2<sup>o</sup> e 25' de latitude austral, encontramos a embocadura do rio dos Topajós, que com quanto seja um dos maiores que nelle entram, despida comtudo sua natural soberba, vem humilde pagar o tributo de suas aguas a este grande mar de agua doce. Este rio dos Topajós baixa das minas de Matto-grosso, e suas cabeceiras vão quasi entestar com as do rio da Prata, que da parte do sul não tem menos pretensões ao imperio das aguas correntes, que o das Amazonas ao norte. Entrando agora pelo rio dos Topajós, damos logo na sua margem direita com a fortaleza e aldeia chamada de N. S.<sup>a</sup> da Conceição dos Topajós, por ser a nação do gentio Topajó a primeira habitadora deste sitio, e do qual por esta rasão tomou o dito rio o nome. Subindo mais seis horas de viagem rio acima encontramos na mesma margem outra aldeia com uma igreja bem proporcionada com a invocação de N. S.<sup>a</sup> da Saude, a que vulgarmente chamam Boyrary. Defronte desta, na margem esquerda, está outra, que se chama vulgarmente Arapiús ou Comarú com uma formosa igreja da invocação de N. S.<sup>a</sup> da Assumpção. Na mesma margem esquerda, dia e meio de viagem, está situada acima destas a aldeia de St.<sup>o</sup> Ignacio, que se diz dos Tupinambaránas. Quasi seis horas ainda mais acima desta, na mesma margem, se topa com a aldeia de S. José de Maitapús, que é a mais pequena aldeia das missões deste rio, porem a mais abundante [excepto a dos Topajós] assim de caça como pescado, principalmente tartarugas e peixes bois.

Ainda aqui não paramos; mas bastam-nos só mais dois dias de viagem para chegarmos á altura, em que da parte esquerda desemboca no rio dos Topajós o rio dos Caparís, não muito grande, mas muito despenhado, e rico já de boas madeiras [que até

aqui são as matas fracas] e de bastante cravo, ainda que só se encontra muito pela terra dentro, e com muito trabalho se tira. É justamente a este rio que pretendiamos chegar, porque em suas margens, ou nas de um seu pequeno braço se encontra a maravilhosa igreja, que no titulo deste artigo annunciámos. Um europeu com os indios que com elle andavam descobriu pelo meado do seculo passado um penhasco de consideravel grandeza, em cuja concavidade está aberta pelo trabalho [ao que parece] da natureza uma formosa igreja. Duvidam os observadores se ahí entra alguma demão da arte: mas se entra, é ella tão tosca, e tão ligeiros os seus toques, que deixa o passo franco a bem fundadas duvidas.

Tem a tal igreja mais de 130 palmos de comprimento, 40 de largo, e 35 d'altura. Serve-lhe de porta unica e como principal um grande arco feito na mesma pedra: as paredes e tecto são a mesma pedra como se fosse toscamente lavrada, mas tudo direito. Ao lado direito da dita porta sahe da mesma rocha e parede uma como pia d'agua benta, com uma concavidade proporcionada, e por cima della outra, como sobre-ceu, que está pingando naturalmente na dita pia. No lugar que póde servir de arco de capella mór sahem d'uma e outra parte duas grandes pedras, como mezas, denotando como dois altares collateraes: e no meio correspondente ao que chamamos cruzeiro um bem formado zimborio, cavado na mesma pedra, porem sem buraco ou fresta alguma. Logo depois destes altares collateraes se abre na mesma pedra outra porta de arco da parte da epistola, e fórma uma como sachristia de 15 a 18 palmos de comprido e 12 ou 13 de largo; tudo na mesma pedra com uma pequena abertura, que lhe dá luz; e é a unica que tem todo este rochedo, que se póde chamar prodigioso. É de advertir que todo o pavimento é de terra, e todo direito e igual. Na parede do altar mór não tem cousa alguma; sómente no lugar que póde servir d'altar tem uma cova na terra, alguma cousa funda. Pela parte de traz e dos lados, e ainda alguma cousa por cima é acompanhada de terra e arvores; só da parte da porta principal está um plano, que vai descendo para o rio, e muito limpo como se estivesse habitado actualmente.

Advertimos por ultimo que esta noticia vai conforme com a que nos deixou escripta o P.<sup>o</sup> Manuel Ferreira, jesuita, provincial da Companhia no Maranhão e Pará, dando uma = *Breve noticia do rio Topajós* =, datada da aldeia deste mesmo nome a 16 d'Agosto de 1750. Acrescenta o dito padre, falando desta igreja-gruta, que o sujeito que a viu é veridico, e chama-se Bernardino Monteiro, sobrinho do P.<sup>o</sup> José Lopes, tambem jesuita; e que no mesmo concordam todos os indios, que com elle estavam.

J. H. da C. R.

#### EPITAPHIOS ANTIGOS.

(Colligidos por um curioso no seculo de quinhentos.)

2.<sup>o</sup>

NA sé de Lisboa está uma sepultura com um letreiro, que diz,

Aqui jaz Bastião Roiz, criado da Infante D. Maria, o qual foi a Africa servir elRey nosso senhor, e depois vindo a esta cidade matou a sua mulher por lhe fazer adulterio. Pede por amor de Deus nosso senhor que lhe digam um

Pater Noster e uma Ave Maria pela sua alma.

No mosteiro de S. Francisco d'Evora está uma sepultura da mulher de Gil Vicente com letras que dizem,

Aqui jaz a mui prudente  
Senhora Branca Becerra,  
Mulher de Gil Vicente,  
Feita terra.

Não menos é de notar a de seu marido Gil Vicente, que diz

O grão juizo esperando,  
Jazo aqui nesta morada,  
Desta vida tão cançada  
Descangando.

N. B. Este é o nosso celebre poeta comico Gil Vicente. Este epitaphio foi composto por elle mesmo, e vem impresso no fim da collecção das suas obras, com o seguinte additamento

Perguntas-me quem fui eu?  
Attenta bem pera ti,  
Por que tal fui com'a ti,  
E tal hasde ser com'eu.  
E pois tudo a isto vem,  
O lector de meu conselho,  
Tomame por teu espelho,  
Olhame e olhate bem.

Não se sabe ao certo o anno em que morreu, mas consta que foi antes do de 1557. Perdeu-se a noticia do lugar da sua sepultura; mas vamos fazer todas as diligencias pela descobrir.

Assim como se ignora o anno certo da sua morte, assim tambem se ignora o do seu nascimento; e nem ainda concordam os biographos em assignar-lhe a patria. Na Bibl. Lusit. se lê que uns querem que nascesse em Guimarães, outros em Barcellos, outros em Lisboa. A nós porem parece-nos que elle proprio tira todas estas duvidas, quando no *Auto chamado da Lusitania* diz:

Gil Vicente o autor  
Me fez seu embaixador,  
Mas eu tenho na memoria  
Que pera tão alta historia  
Naceo mui baixo doutor.  
Creo que he da *Pederneira*  
Neto d'um tamborileiro,  
E seu pai alabardeiro.  
Sua mãe era parteira  
E per rezão  
Elle foi já tecelão  
Destas mantas d'Alemtejo,  
E sempre o vi e vejo  
Sem ter arte nem feyção (\*).

No convento de S. Domingos de Evora está uma sepultura, que tem no meio esculpido o mundo com letras, que dizem

Todo o mundo rodeei  
Com este no pensamento,  
Mas nunca contentamento,  
Nem descango nelle achei.

(\*) Esta nota acrescentou o Sr. Rivara á collecção dos epitaphios.

Na mesma casa está outra sepultura bem antiga, com umas letras gothicas misturadas com arabicas, e tem no meio da pedra dois livros esculpidos sobre um escudo com letras, que dizem

Letrado fui afamado,  
E das letras muito vi;  
Mas emfim tambem morri,  
Como qualquer desastrado.

Em uma ermida da mesma cidade de Evora está uma campa grande com uma concha de kágado, e diz

Com este escudo na mão  
Peleijou valentemente  
João Antunes Lião,  
Filho d'algo de boa gente.

Em uma freguezia da mesma cidade se vê outra sepultura com um escudo, que tem umas settas, com um letreiro de letras romanas bem cortadas, que dizem

Com estas foi commettido  
Pedro Affonso muitas vezes,  
Mas elle com seus revezes  
Matou sempre o inimigo.

Na mesma cidade, em uma capella da sé, apparece outro letreiro que diz

Ah! João Gorizo,  
Nunca te ninguem tocou,  
E agora bem te pizo!

Na mesma cidade estava outro letreiro em uma parede muito antiga, que com difficuldade se podia ler, que dizia

Aqui jaz João Vasques, que esteve na tomada desta cidade, sempre com a barba pera os mouros vivos, e com a trazeira pera os defunctos.

Em Serpa se vê um moimento de pedra muito antigo, e lavrado com muitos labores mouriscos, com umas letras que dizem

De pai christão fui gerado,  
E de mãe moura nascido;  
Mas depois que fui crescido  
Fui dos meus o mais honrado,  
Por letras esclarecido.

Em Moura está uma sepultura de letras gothicas, que dizem

Aqui jaz João Sarmiento, godo por tronco masculino, que morreu peleando contra sus proprios naturales.

Ha na igreja da dita villa uma sepultura d'um vigario com letra, que diz

Aqui jaz quem vivendo morreu, e morreu vivendo.

Na Graça de Lisboa, defronte da capella do Salvador, está outro letreiro já gastado, onde sómente se lê

Aqui jaz terra, a qual foi &c.

Em Santarem, no mosteiro de S. Francisco, ao pé da cruz, antes da porta principal, ha uma sepultura, que tem um letreiro que diz

Guedes  
Domingos que aqui jaz,  
Suas armas desprezando,  
E as de Christo muito amando  
A cruz por armas lhe apraz.

No mesmo mosteiro está outra sepultura muito antiga, que diz

Aqui jaz Vasco Bello, homem fidalgo, que trouxe espada, e ninguem matou com ella.

Outra sepultura se notou no mosteiro de S. Domingos da dita villa de Santarem em uma campa bem antiga, que diz

Aqui jaz o das aventuras.

(Concluir-se-ha.)  
J. H. da C. R.

#### ESTADO DA LITTERATURA NA RUSSIA.

SEGUNDO a observação do doutor Granville, que ha poucos annos percorreu o vasto imperio da Russia, a litteratura tem feito naquelle paiz notaveis progressos, devidos aos esforços de Lavonossoff, seu incansavel reformador. A morte de Karamazine, insigne historiographo russo, cujos servigos litterarios o imperador premiára nomeando-o conselheiro d'estado, deixou um vacuo, emquanto á pureza e elegancia de estylo, difficillimo de encher. Fôra sem duvida este escriptor o melhor de quantos, até a nossa epocha, se teem occupado das cousas do seu paiz, rivalisando em conhecimentos historicos com os mais atilados chronistas dos tempos modernos.

Em bellas letras tambem os russianos se adiantaram consideravelmente desde o comego do presente seculo; e as galas da dicção de alguns escriptores recentes derramaram entre elles o estudo das linguas estranhas.

A poesia não tem ficado atraz nesta escala de progresso litterario, principalmente no que diz respeito ao genero lyrico, que é sempre o que primeiro encetam os inspirados das musas. Alexandre Pouckine póde ser reputado o Byron dos russianos; mas os grandes talentos de Dinisrieff e Joukowsky já nada produzem. O numero dos fabulistas não é escasso na Russia, aonde os romancistas inglezes teem excitado o gosto pelas novellas, genero de litteratura em que Baratinski se tem feito mui conspicuo.

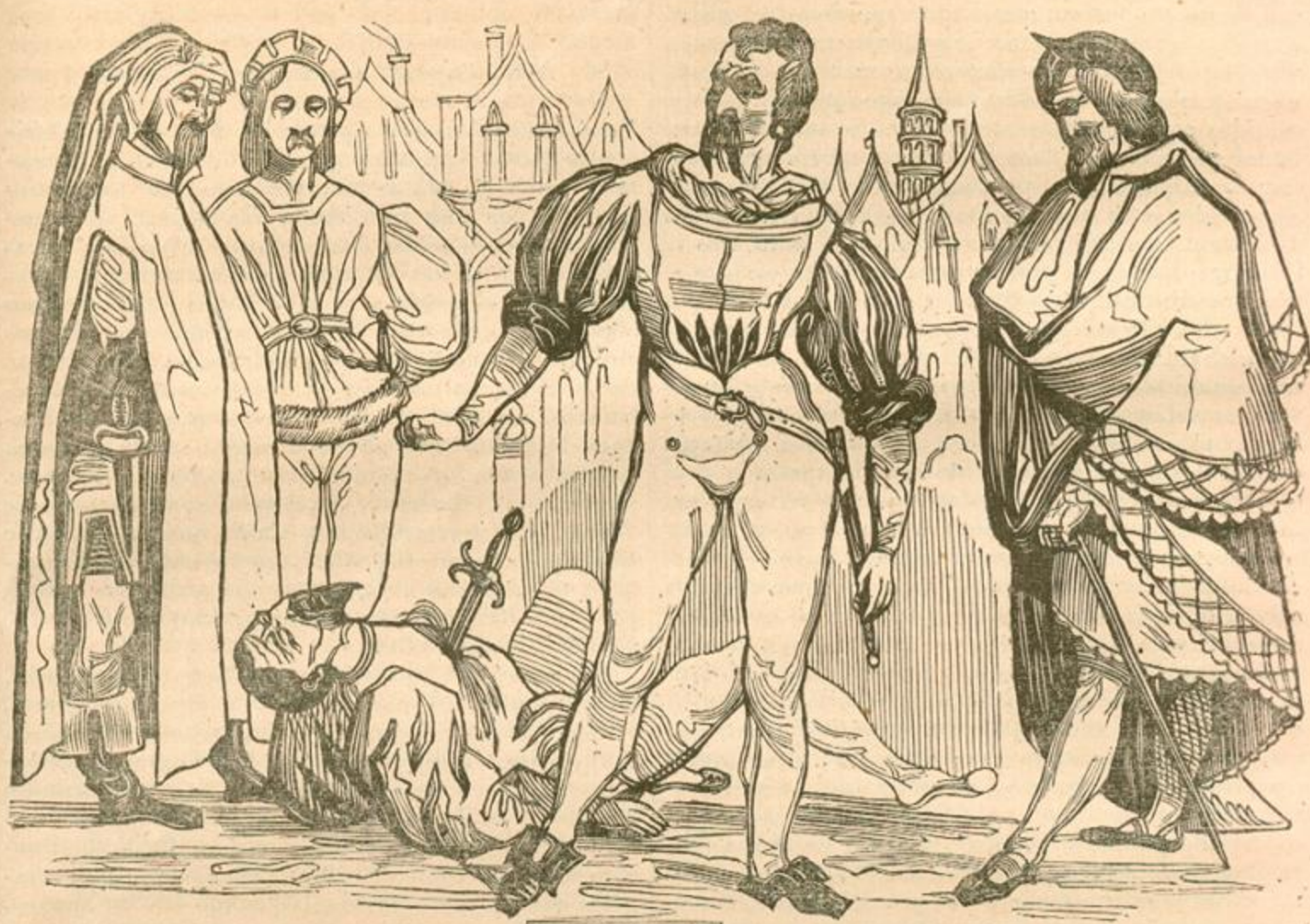
A litteratura dramatica é a unica que não conta alli vantagens, ou que, para melhor dizer, é alli desconhecida. Verdade é que o principe Chakhousky, e o litterato Zagoskine, alguns dramas escreveram; mas tão pouca originalidade estes continham, que a despeito do genio que os seus auctores mostraram possuir, em nenhuma dessas obras transluz merito especial. Na Russia avulta o numero de traducções francezas; e póde affirmar-se que as bellas letras fizeram mais progressos naquelle paiz nos ultimos cincoenta annos, do que nenhum outro ramo dos conhecimentos humanos.

Mr. Sopikoff nos diz em uma noticia official que não obstante ter sido alli conhecida a arte typographica só cincoenta annos depois que foi descoberta, já chegavam a 80,000 os livros publicados até 1813,

A imprensa na Russia está sujeita a censura prévia, mas o actual imperador protege generosa e liberalmente os litteratos, e os anima por differentes modos. No anno de 1836 contavam-se na Russia 84 publicações periodicas, muitas das quaes bem pouco mereciam esse nome, pela sua nenhuma importancia. As que mais avultavam em merecimento, e que por isso tinham mais extracção eram: — a *Gazeta de S. Petersburgo*, que sahia duas vezes por semana, e tinha sua similhança com o *Monitor* francez; — o *Invalido*, diario militar; — a *Gazeta do Senado*, folha hebdomadaria, na qual se publicam os ukases ou decretos do senado; — o *Diario do Ministerio d'Instrucção*; e varios outros periodicos que sobre differentes assumptos se imprimem nas linguas

russiana e alemaã. Em Moscow havia oito jornaes escriptos todos no idioma russo.

Segundo as actas da bibliotheca de S. Petersburgo publicaram-se em todo o imperio, no anno de 1837, 9:871 obras, comprehendendo 450 traducções; e no de 1838 quasi 700 obras originaes, e umas 300 versões de varias linguas estrangeiras. Finalmente o vigilante governo da Russia, desde ha muito prevenido contra as modernas doutrinas politicas, cujo dominio bastante se tem dilatado para o occidente da Europa, evita quanto póde a sua introducção naquelle vasto imperio. Comtudo não deixa por isso de animar e proteger quaesquer emprezas ou publicações que tendam a dar ao povo alguma e variada instrucção, sem resaibo de ideas liberaes.



EXECUÇÃO D'UMA SENTENÇA DO TRIBUNAL SECRETO DA WESTPHALIA.

GRANDE parte d'Allemanha por muitos seculos esteve submettida a um poder judiciario não menos espantoso e temivel que a inquisição d'Hespanha e Portugal. Esta jurisdicção, cuja memoria lembrada hoje faz horror, era designada pelos nomes de tribunal dos *francs-juges*, *juizes livres*, de Santa-Wehme ou associação wehemica, e de tribunal secreto da Westphalia: a etymologia destas denominações, a origem e epocha do começo da jurisdicção wehemica, são objectos controversos e pouco conhecidos! Com tudo diremos, conforme a opinião mais geral, que principiaria pelos fins do seculo 8.<sup>o</sup> e no primeiro quartel do nono seculo, estabelecida por Carlos-Magno em virtude dos conselhos do papa Leão 3.<sup>o</sup>, para manter na fé christã os saxonios, havia pouco tempo convertidos. Foram por tanto crimes religiosos os primeiros que os *juizes livres* tiveram que julgar; mas com o andar dos tempos desmedidamente alar-

garam os limites da sua auctoridade, e arrogaram a si o jus de decidir sobre toda a casta de crimes.

A Westphalia, parte do paiz que os antigos saxonios habitavam, era a principal séde do tribunal secreto; mas deste ponto central estenderam os juizes a sua jurisdicção por toda a Allemanha. Compunha-se o tribunal de um grão-mestre, e de duas ordens de juizes, de quadrilheiros, e de *illuminados* que faziam as vezes de *officiaes*, e de *filiaes*, que eram os executores das sentenças: a recepção destes ultimos se fazia com ceremonial espantoso; o candidato devia ser germano por nascimento, de condição livre, christão, e affiançado por dois juizes; apresentava-se ao tribunal, com a cabeça descuberta, e ajoelhando, pondo a mão direita sobre uma espada e um nó de corda, proferia o seu juramento, cuja formula era horrivel e abominanda. No começo do seculo 15.<sup>o</sup>, epocha da maior influencia e poder da associa-

ção wehemica, passava de cem mil o numero dos *filiaes*.

O adepto devia observar o juramento com extremo rigor, porque a espada desembainhada e o nó, sobre que o proferira, não eram symbolos indifferentes e de mero apparato: a menor indiscrição de um *filial* novato era punida com prompta morte; o mais disfarçado aviso que por gesto ou palavra desse a qualquer condemnado merecia a mesma pena. Houve um destes illuminados que pagou com a vida só esta simples phrase que disse ao ouvido d'um sentenciado, estando n'um banquete: *N'outras partes come-se melhor pão do que aqui*. Horrorisa a narração das circumstancias das execuções, clandestinamente effectuadas; basta dizer que aos juizes que infringiam os estatutos, abriam pelo cachaço para lhes arrancar a lingua e depois os enforcavam.

Faziam-se as sessões deste horrivel tribunal em toda a parte, quer em casas, quer no meio de selvas, tanto em cavernas, como ao ar livre; os *familiares*, munidos de cordas e punhaes vigiavam o circuito do logar da sessão, e justificavam logo os imprudentes colhidos em flagrante delicto de curiosidade. O tribunal procedia por duas fórmas, ou por contestação com o culpado, ou por *via inquisicional*. Quando algum dos cem mil espias da associação wehemica dava denuncia contra alguém, um dos familiares ia intimar o accusado para comparecer ante os juizes: pregava d'um modo particular com a ponta do punhal a citação escripta n'algum logar da habitação do infeliz denunciado, e proclamava em voz alta a sua commissão, e como próva de a ter cumprido levava uma lasca de pedra ou de madeira cortada tambem com o punhal: tres vezes se renovava a citação com o mesmo formulario antes do dia aprasado para o julgamento. Chegando o accusado ao tribunal era interrogado e podia rebater a denuncia: mas no caso de condemnação, que era a mais ordinaria conclusão do processo, partiam uma vara por cima da cabeça do réu, relaxando-o aos familiares, que o enforcavam sem demora. Se o denunciado não comparecia o condemnavam sobre a palavra do denunciante; este processo summario, chamado inquisicional, era o que mais geralmente usavam. Os executores, que de ordinario eram nomeados dois, procuravam a victima, e ou por força ou por astucia a sacrificavam. O condemnado bradava em vão por soccorro: á vista do punhal wehemico, que era de fórma particular, toda a gente ficava immovel, porque a menor intervenção a favor d'um proscripto pelo tribunal era punida com a morte. Os executores não penduravam as victimas nos patibulos, não confundiam os seus actos com os da justiça regular, e para que fossem bem distinctos deixavam o punhal cravado no corpo do que immolavam, e ao cadaver se não dava sepultura ecclesiastica.

Por seculos permaneceu esta instituição occulta e execranda, até que algumas cidades allemãs, vendo o quanto era odiosa e abusiva, se ligaram contra a *Santa-Wehme*, e os habitantes para a repellir empregaram as armas de que a mesma se servia, o punhal e o barço. Por outro lado os imperadores, que por muito tempo tinham auctorisado e protegido aquelle tribunal, que fôra dos mais activos e energeticos auxiliares do seu poder e dominio, chegaram a assustar-se com o espantoso incremento e força que a *Santa-Wehme* desenvolvia, querendo de subordinada passar a dominadora. Outras causas mais concorreram para destruir a associação wehemica; até que a revolução religiosa do seculo 16.<sup>o</sup> e o progresso da illustração publica lhe descarregaram os derradeiros golpes. Porem era um tribunal com tão forte

organisação, que só lentamente pôde ser destruido; e nunca chegar a decretar-se formalmente a sua abolição.

Esta instituição decrepita deu mostras de se reanimar e remoçar, sob os nomes de *Tugend-Bund* e *Burschenschaft*, quando os povos allemães se ligaram para lutar contra Napoleão; e depois da queda deste, os novos confederados se voltaram contra o despotismo que ia campeando na Allemanha; e a existencia da moderna e occulta associação manifestou-se no caso de Kotzebue. Este escriptor accusado de attentar contra a liberdade germanica, foi assassinado ao grito de *vivat Teutonia*, pelo mancebo *illuminado*, Sand, que deixou na ferida o punhal com um bilhete que dizia: sentença de morte, executada contra Augusto Kotzebue, aos 23 de Março de 1819. — Porem as providencias energicas dos monarchas e governos tem dissolvido estas recentes associações.

#### ANNA GINGA, RAINHA DE MATAMBA.

PELO sertão das nossas possessões d'Angola na Africa occidental, a poucas jornadas do Coanza, demora o reino de Matamba, habitado por pretos indomitos, da raça cruelissima dos iãgas, que no seculo decimo-septimo devastaram, como em outras epochas, os paizes vizinhos, e inquietaram as nossas fronteiras naquella região. Eram estes selvagens africanos grandemente ferozes, victimavam creanças em suas solemnidades e as devoravam, como faziam aos prisioneiros nas guerras que de continuo empreendiam: nenhuma das tribus negras era tão barbara e deshumana. De um regulo desta comarca nasceu Ginga, que sendo, como ao diante diremos, baptisada em Loanda, recebeu o nome christão de Anna: não desmentiu da casta de que provinha, e taes foram as suas façanhas, que as relações dos antigos missionarios e viajantes, que visitaram aquella parte d'Africa, contem largas paginas ácerca de tão extraordinaria mulher.

E porque não é justo citar auctores estrangeiros, quando temos sobre a materia escriptos portuguezes, apesar de haver em francez uma historia especial da rainha Ginga, diremos que os factos que vamos relatar se acham consignados n'um livro interessante e mui digno de ser conhecido, publicado em 1825 pelo Illm.<sup>o</sup> Sr. J. C. Feo Cardozo de Castello-Branco e Torres, com o titulo de *Memorias*, que comprehendem a honrosa biographia do pai do auctor, com documentos mui curiosos e na actualidade das nossas colonias mui interessantes, a historia portugueza d'Angola desde 1575, e a descripção geographica e politica dos reinos d'Angola e de Benguella.

Ainda o pai de Ginga era vivo, já esta tinha um filho, que amava ternamente, porque tambem os tigres e lobos amam as suas respectivas proles: o regulo velho presava muito o neto; mas o herdeiro de Matamba, receoso de ter por competidor o sobrinho, comprou os escravos que o tratavam e conseguiu que lhe dessem crua morte. Ginga, ao ouvir a infeliz nova, ficou com o coração repassado de dor, mas jurou de não chorar senão no dia em que se vingasse. Sabedor do juramento, Gola-Bandi tremeu; porque conhecia bem o character de sua irmã.

Esta princeza africana tinha sido creada com habitos guerreiros ao modo da sua nação, e por isso não hesitava quando lhe era preciso acompanhar os combatentes, pelear com elles, ou preparar e sustentar uma rebellião. Por morte de seu pai recolheu-se a uma provincia remota no districto de Gabazo, donde promovia sedições contra seu irmão, incitan-

do para esse fim os povos de Matamba. Comtudo Gola-Bandi descobriu muitas conjurações, castigou os culpados com extrema ferocidade, e querendo ao mesmo tempo distrahir o povo e dar-lhe prazer, declarou guerra aos portuguezes para haver de novo as provincias d'Angola, em que seu pai tambem reinára. Mas que haviam fazer turbas indisciplinadas, homens nus e mal armados, contra tão valentes tropas regulares, como as nossas!... Os negros foram desbaratados, tomou-se-lhes a capital, e o regulo fugiu deixando prisioneira toda a familia, á excepção de Ginga, que á rebellião aberta em que andava contra o irmão, residindo por isso nas terras de Gabazo, deveu a sua salvação. Gola-Bandi aprendeu á propria custa a conhecer que era mais fraco que seus adversarios; porem, como verdadeiro negro africano, assentou que a dissimulação era bom meio, se não para vencer, ao menos para lhe restituirem o que tinha perdido. Mandou portanto embaixadores ao capitão-general d'Angola com protestações pacificas e largas promessas: houve uma especie de tratado; as nossas tropas evacuarão o territorio; e entregaram as *reaes* prisioneiras. Mas citado Gola para cumprir os ajustes, não curou de tal, e illudiu os que lh'o demandavam. Havia pouco que chegára de Portugal, para governar Angola, João Correa de Sousa, homem de merecimento e probidade, e que não queria ver a fé dos contractos e a honra da nação portugueza sevandijadas e insultadas por um preto selvagem. A guerra estava a pontos de começar, D. João fallou na materia asperamente, e o regulo africano intimidou-se e resolveu mandar ao capitão-general nova e mais solemne embaixada, para o que mandou convocar a sua irmã Ginga, commettendo-lhe pazes *fraternalis*!, e rogando-lhe que fosse a Loanda negociar com os portuguezes. Ginga sorriu-se ao receber a mensagem, mas aceitou o encargo, porque desejava conhecer os europeus, de quem muito ouvira fallar, apesar de viver cem leguas distante dos estabelecimentos que estes haviam fundado. Com o maior fausto e numerosa comitiva, segundo os estylos barbaros daquella negraria, inculcando-se como princeza, appareceu Ginga na cidade europea d'Angola, onde o governador lhe mandou tributar grandes honras na recepção, inclusiva a salva d'artilleria da fortaleza, dando-lhe para accommodação as casas de Rodrigo d'Araujo, e mandando costear as despesas que ella fizesse por conta da fazenda publica. Admittida á primeira audiencia com tanta destreza e habilidade se houve, que os do conselho da ordenança, Correa e outras pessoas se assombraram de ouvirem a africana, a quem a natureza doára talentos, que pareciam incompativeis com a sua educação naquelles sertões entre gente buçal e negligente, só attenta ás precisões phisicas, e quasi alheia da meditação e outros attributos da alma racional. Esta boa entrada preveniu em seu favor os animos, e muito mais quando ella declarou que pretendia abraçar a religião christã; o que foi um acto da *politica e diplomacia de sua alteza preta* para chamar a si o agrado e boa vontade dos europeus, e para melhor os conhecer. Deu-se com alguns missionarios portuguezes, que sabiam a lingua bunda (1), e que serviam d'interpretes; e recebeu a agua baptismal, sendo seus padrinhos Correa e sua mulher D. Anna de Menezes; desta senhora tomou o nome de Anna, e do padrinho o apellido de Souza.

Finda a cerimonia, ajustado o tratado, partiu Ginga para Matamba com muitos presentes que

(1) Desta lingua ha um Diccionario impresso na imprensa regia, em Lisboa.

lhe déra o capitão-general, o qual lhe fez tambem a honra de a ir acompanhar por espaço d'algumas leguas. Gola-Bandi a recebeu com apparente affecto e reconhecimento; mas ambos estes irmãos se odiavam e atraçoavam reciprocamente, desconfiados um do outro, por indole da raça, por espirito ambicioso, e por mutuas malfetorias. Todavia dissimulou seus intentos quanto pôde o regulo africano, e até deu mostras de se querer fazer christão, para o que lhe foi mandado um missionario (2); mas neste meio tempo ia pela calada fazendo seus preparativos de guerra, que logo depois nos declarou, e invadiu as fronteiras do territorio portuguez, sem o menor motivo: foi porem desbaratado, abandonado pelo resto das suas tropas seduzidas pelos enredos de sua irmã, e teve de acoutar-se n'uma ilha deserta do Coanza, onde morreu envenenado por mão de poucos que o acompanharam.

Logo que Ginga soube que com este assassinio começára a sua vingança, aproveitando-se do amor que muitos do povo lhe tinham, fez que a coroassem, abjurou o christianismo, offereceu aromas e sacrificios aos idolos, fez votos sanguinarios, e hecatombas de victimas humanas. Mas de seu irmão ficára um filho, confiado pelo defuncto ao *iaga-Kasa*, especie de advinho a que em Africa tributam grande veneração, porque dizem os pretos que falla com o espirito dos antepassados: e difficil era para a nova princeza empunhar seguramente o sceptro sobre os seus tostados subditos, em quanto vivesse seu sobrinho e com a defensão de tão poderosa tutelã. Como tinha fama de formosa, lembrou-se de propor ao advinho casar com elle e dar-lhe quinhão na soberania; mas porque, por temor ou suspeitas, o preto recusára, deliberou-se a partir para o acampamento do tutelado, e apenas chegada, fez mil festas ao sobrinho, ainda infante, e captivou com taes illécebras o tutor, que o resolveu a consentir no matrimonio proposto, que foi celebrado com regozijos e solemnidades; depois o seduziu para que juntamente com a creança se fossem aposentar em Gabazo, onde Ginga contava com numerosos affeioados, e tinha o seu maior poder. Entrada na principal povoação desta comarca, logo no terreiro ou praça, a vingativa Ginga arrancando d'um punhal immolou o innocente sobrinho, sem que ninguem ousasse oppor-se-lhe, e arremeçou o cadaver para o rio que perto corria, dizendo — «Matei o filho de Gola-Bandi, como elle mandára fazer ao meu.» —

Para se firmar no dominio que assim conquistára por sangue e usurpação, perseguiu e derribou todos os que lhe davam causa de ciume, poupando todavia as suas duas irmãs, não por certo por motivos de caridade e amor fraterno, mas pela nullidade absoluta dellas, de quem nada podia temer. Como sabia que os povos selvagens, a quem presidia, creados n'uma creença ímpia, supersticiosa e sanguinaria, aborreciam os christãos, e repelliam os missionarios, Ginga, apesar dos desejos que tinha de amangar alguns usos dos seus naturaes, e de adoptar algumas commodidades, conforme o que víra estando em Loanda, resolveu deixar para melhor ensejo estes bons desejos, e para que mais se podesse segu-

(2) O missionario era o P.<sup>o</sup> Dionysio, natural do mesmo reino de Matamba, de côr preta, homem de vida exemplar; mas o Gola, que já estava d'outro aviso, mandou ignominiosamente pôr fóra o P.<sup>o</sup>, dizendo que não podia ser baptismo o que fosse administrado pelo filho d'uma sua escrava. Note-se que o Gola era tambem filho de uma escrava, de quem o tivera seu pai, oitavo regulo de Matamba. Tão poderoso é o orgulho dos villões empollecados, até entre os negros sertanejos d'Africa!..

rar no throno determinou-se a condescender com a inclinação do povo preto, e a guerrear os portuguezes.

(Concluir-se-ha).

#### BEXIGAS DOURADAS.

(Aviso ás Bellas).

PARA que não serve o ouro? a prodigiosa influencia deste luzente metal é capaz de revolver debaixo para cima assim o mundo physico como o moral. O ouro dá vista a cegos; cega aos que veem bem: dá juizo a loucos; tira-o a discretos, &c. &c.; e seria um nunca acabar se houveramos de numerar todos os seus prestimos. Acho porem muita falta de gosto naquelle de nossos monarchas que primeiro permittiu que em certa moeda de cobre das nossas antigas colonias do Brasil se lavrásse a legenda = *Es usibus aptius auro* = que em portuguez corrente quer dizer que o cobre tem mais serventia do que o ouro. Isto só poderá achar desculpa se admittirmos que naquelle tempo pela raridade poderia ser mais estimado no Brasil o cobre do que o ouro. Mas, no estado actual das cousas no mundo novo e no mundo velho, nego e negarei sempre que o cobre tenha mais serventia do que o ouro. — E senão chamemos para testemunhas aos medicos que elles abonarão o nosso dito. Que vantagens não resultam na medicina da arte de dourar as pilulas? É verdade que se hoje é menos usada esta arte nas boticas, é comtudo fóra dellas bem familiar a muita gente alem dos senhores facultativos. O ouro em pommada, em xarope, e em outras preparações, tem sido a alguns annos a esta parte ensaiado com vantagem no tratamento das molestias escrofulosas. — Na sessão da Academia das Sciencias de París do 1.º de Julho de 1839 foi communicado outro methodo de curativo para as bexigas por meio das laminas de ouro. Segundo diz Mr. Larrey é uso antigo entre os egypcios e arabes applicar as folhas de ouro no rosto das pessoas de pouca idade atacadas de bexigas, a fim de preservar esta parte dos estragos da molestia; e este meio não deixa de ter sua efficacia. Pelo menos é o que parece resultar d'uma tentativa [é verdade que unica neste genero] praticada por Mr. Legrand a favor d'uma menina ingleza muito formosa, atacada de bexigas confluentes, e cujas feições não soffreram alteração alguma. Para isto foi o rosto desta menina mui cuidadosamente cuberto pela manhã e á tarde com folhas de ouro ordinarias, que se fixavam sobre as pustulas por meio d'uma pouca d'agua gomada. Se reflectirmos quão perniciosos effeitos produz o contacto do ar sobre as superficies suppuradas e ulceradas cessará um pouco a nossa admiração pela estranheza deste methodo curativo. Os naturalistas por tanto accrescentem aos caracteres especificos do ouro mais esta nota = *conserva a formosura*. = Chamâmos pois a attenção das bellas, que por sua desgraça [o que Deus não permitta] forem atacadas de bexigas, para este facil remedio, que se bem que um pouco caro, tem comtudo a impagavel virtude de conservar a vida, restituir a saude, e deixar de mais a mais illesa a formosura, que a muitos respeitos tem mais subido valor do que a propria vida e saude.

J. H. da C. R.

*Remedio para dores rheumaticas.* — Muito bons resultados se tem alcançado contra o impertinente

rheumatismo com a applicação do seguinte singelo remedio. Ministram-se ao enfermo duas ou tres vezes por dia cinco gottas de azeite ou oleo d'alecrim sobre um torrão d'assucar, augmentando depois a dóse até *dez gottas*. Á noite dão-se fomentações, com caldo ou agua de batatas mui quente, na parte do corpo molestada pelas dores.

#### THEOREMAS DE PLATÃO.

##### O Amor.

NEM toda a casta de amor, nem todo o modo de amar é por si só louvavel ou reprehensivel: — o distinctivo de honesto ou deshonesto, dando-lhe diverso nome, o faz variar de natureza.

O amor no homem produz dois resultados, um no corpo, outro na alma.

O primeiro resultado é a geração, e por elle todos os animaes, e particularmente o genero humano obtem certa immortalidade nas proles que se succedem. O segundo effeito é o carinho dos pais para com os filhos, que tem maravilhosa efficacia até entre os brutos. Com estes dois lenitivos mitiga a natureza as vicissitudes da vida mortal, que d'outro modo não poderia conservar-se.

O matrimonio é a base do genero humano; é inimigo deste quem se oppõe áquelle e lhe nega as vantagens e conveniencia.

A primeira operação da alma é a meditação: — é ella quem nos remodêa os incommodos da vida. Ensina-nos as sciencias, conserva-as, e as exalta quando as vê abatidas, a fim de que não pereçam inteiramente. O segundo effeito é o desejo do louvor que honra o individuo, e transmittê á posteridade uma memoria de grata recordação.

O resultado mais sublime é o amor ao Summo Bem, e á Summa Bondade, que é Deus.

(*Extrahidos do Convite*).

##### A Morte.

A morte é commum a todos os homens; porem nem todos a tem igual; porque uns morrem felizes, outros infelizes. Não devemos, pois, recear a morte; mas só temer que ella seja desgraçada.

Nossas almas conservam depois da morte a sua constituição, para serem felizes ou infelizes na vida futura.

Quando ha dois infelizes, um não póde reputar-se mais feliz do que o outro: — o que pecca é certamente infeliz; porem ainda o é mais o que morre sem ter soffrido o castigo do seu peccado.

Por um decreto da Divindade todos os homens serão julgados pelas suas obras.

Deus ha-de então dar a cada individuo o destino que merecer: — a uns fará venturosos, a outros desgraçados, sem distincção de pessoas. Formará a respeito de todos os homens juizos rectos, estabelecendo penas condignas e salutaes.

Os que mais tiverem abusado do seu poder, serão por elle castigados com severidade. Destes será o maior numero; porque os malvados teem vulgarmente mais meios de seguirem em tudo os seus caprichos, sem temor do castigo.

O maior de todos os males é a injustiça, e ainda é peor commettê-la do que soffrê-la.

Devemos, com preferencia a qualquer outra cousa estudar o modo de viver bem, para tambem morrer bem e felizmente.

(*Extrahidos do Gorgia*).